

A Romantização do Abuso pelas Histórias de Ficção

La Romantización del Abuso por Parte de las Historias de Ficción

The Romanticization of Abuse by Fiction Stories

Alice Cáritas Almeida Amarante

Resumo: O presente trabalho aborda a romantização do abuso pelas histórias de ficção, com ênfase em relacionamentos heterossexuais, onde a mulher é a vítima de abuso. Realizei entrevistas com mulheres vítimas de relacionamentos abusivos e associei os relatos obtidos com uma análise crítica de três ficções científicas que camuflam tais relacionamentos, em diálogo com autoras que também teceram suas considerações a respeito das obras. Com a finalização da pesquisa, conclui-se que a romantização do abuso pelas histórias de ficção, segue na contramão das lutas de combate à violência contra a mulher e que, portanto, é necessário que tenhamos sempre cautela com o que estamos consumindo e exaltando, para não contribuir ainda mais para que mulheres sofram presas em relacionamentos abusivos.

Palavras-chave: Romantização. Histórias de ficção. Relacionamentos abusivos. Violência contra a mulher.

Resumen: El presente trabajo aborda la romantización del abuso a través de historias de ficción, con énfasis en las relaciones heterosexuales, donde las mujeres son víctimas de abuso. Realicé entrevistas a mujeres víctimas de relaciones abusivas y asocié los reportes obtenidos con un análisis crítico de tres ficciones científicas que camuflan dichas relaciones, en diálogo con autores que también hicieron sus consideraciones sobre las obras. Con la finalización de la investigación, se concluye que la romantización del abuso a través de historias de ficción, va en contra de las luchas para combatir la violencia contra las mujeres y que, por lo tanto, es necesario que seamos siempre cautelosos con lo que estamos consumiendo y ensalzando. no contribuir más a que las mujeres sufran encarcelamiento en relaciones abusivas.

Palabras clave: Romanticización. Historias de ficción. Relaciones abusivas. La violencia contra las mujeres.

Abstract: This paper addresses the romanticization of abuse through fiction stories, with an emphasis on heterosexual relationships, where women are victims of abuse. I conducted interviews with women victims of abusive relationships and associated the reports obtained with a critical analysis of three science fictions that camouflage such relationships, in dialogue with authors who also made their considerations about the works. With the conclusion of the research, it is concluded that the romanticization of abuse by fiction stories, goes against the struggles to combat violence against women, and therefore, we must always be careful with what we are consuming and extolling, not to further contribute to women being trapped in abusive relationships.

Keywords: Romanticization. Fiction stories. Abusive relationships. Violence against women.

INTRODUÇÃO

O presente artigo configura-se como pesquisa bibliográfica, pois dialoga com autoras que pesquisam e estudam sobre relacionamentos abusivos e seus impactos na vida cotidiana. Parte da análise de uma série de problemáticas encontradas, especialmente, nos contos de fadas, que são um dos principais constructos da cultura da vulnerabilidade feminina e, conseqüente, naturalização de relações abusivas, desde a infância. Segue-se então uma análise mais profunda de três histórias de ficção que carregam um teor altíssimo de toxicidade de relações, mascaradas de romance. Tal análise encontra aporte teórico no diálogo com autoras que tecem suas considerações a respeito destas obras: o filme *Esquadrão Suicida*, onde conversarei principalmente com Nikolly dos Santos Neto (2017), e a saga *Crepúsculo*, juntamente com a trilogia *50 tons de cinza*, onde partilharei de ideias de Priscila Santiago Sousa (2018). A fim de embasar as discussões referentes a relacionamentos abusivos e formas de violência, terei como aporte teórico Tânia Mendonça Marques (2005). Somam-se a isso os produtos obtidos em uma pesquisa de campo, que teve como instrumento de coleta de dados entrevistas semiestruturadas. Tratou-se de uma chamada pública, que foi feita em redes sociais, para que mulheres que já foram vítimas de relacionamentos abusivos (as quais mantenho o anonimato), e se sentissem confortáveis em compartilhar suas experiências, entrassem em contato para uma conversa, onde foi direcionado o caminho das perguntas. Elas poderiam se sentir à vontade para responder ou não questões específicas, além de acrescentar outros relatos que achassem pertinentes.

1. Contos de Fadas: felizes para sempre, quem?

- Queira perdoar-me, não pretendia assustá-la.
 - Oh não, não. Não é isso, mas é que você é...
 - Um estranho?
 - Uhum...
 - Mas não se lembra? Nós já nos encontramos.
 - Nós dois?
 - Sim, você mesmo disse. Uma vez num sonho.
- (A Bela Adormecida, 1959)

Quem nunca foi ao delírio cantando com a Bela pela aldeia e pelo palácio da Fera? Ou com a Cinderela, enquanto ela limpava a casa, com os ratinhos? Ou com a Branca de Neve, junto com os sete anões e com a Aurora, pelas florestas? E com a Barbie, então?! Com suas inúmeras histórias diferentes, cheias de aventuras e músicas originais?

Sem sombra de dúvida foram elementos marcantes de muitas infâncias, com os quais vivemos momentos felizes e criamos uma relação de afeto, que nos enchem de nostalgia quando vemos algo relacionado ou, principalmente, escutamos alguma das músicas imortais em nossos corações. Entretanto, aqueles momentos de prazer infantil foram um dos primeiros a inserir em nossas mentes discursos racistas, classistas, cis-heteronormativos¹, binaristas² e principalmente machistas.

¹ Esse termo vem sendo utilizado atualmente para substituir antigo “heteronormativo”, pois compreende-se não somente a heterossexualidade é compulsoriamente imposta, mas também a cisgeneridade, ou seja, que o gênero esteja em conformidade com o sexo.

² Quando se trata de gênero, considera a possibilidade apenas do masculino e feminino, sendo estes, determinados pela genitália das pessoas: masculino (para quem nasce com pênis) e feminino (para quem nasce com vulva).

As histórias infantis mais famosas do mundo desenvolvem-se em torno do amor. No geral, os enredos fantasiosos possuem uma personagem feminina que, depois de muito sofrer e superar conflitos, encontra no beijo do príncipe encantado a salvação que a garante o famoso “felizes para sempre”. Assim foi com A Branca de Neve, A Bela Adormecida, Rapunzel, A Pequena Sereia e também A Bela e a Fera. O que todas essas histórias têm em comum além do príncipe e do “felizes para sempre”? A felicidade dessas mulheres só foi atingida depois de encontrar o homem de suas vidas. (Priscila Santiago Sousa, 2018, p. 24).

Vimos mulheres (brancas e loiras) terem todos os seus problemas resolvidos por homens (brancos e ricos) e achamos incrível; torcemos pelo amor entre uma mulher e o homem que lhe aprisionou; comemoramos ao ver homens beijando mulheres desconhecidas e desacordadas. E, para além de tudo isso e de tantos outros fatos extremamente problematizáveis, romantizamos todas essas histórias.

É importante ressaltar que o binarismo cis-heteronormativo implantado socialmente faz com que, enquanto meninas são colocadas para assistirem contos de fadas e afins, meninos são postos diante de desenhos com mais ação, aventura e até mesmo agressividade.

Dessa forma, meninas crescem com a ideia de que devem ser delicadas e manter um padrão de beleza europeizado para esperarem seus “príncipes encantados”, pois precisam deles para serem sustentadas e terem todos os seus problemas resolvidos, almejando viver sua grande história de amor e acreditando que esse será o momento mais feliz da suas vidas. Em contrapartida, meninos crescem com o entendimento de que suas atitudes devem ser baseadas em força física e o mínimo de sensibilidade possível e, ainda, que é natural que homens sejam agressivos, o que faz com que se considerem superiores às mulheres.

Érica Renata de Souza, em sua dissertação de mestrado intitulada “*Questões de gênero na infância e na escola*”, aponta:

Tenho sugerido, ao longo deste trabalho, que a agressividade assim como a violência, são apresentadas pelo discurso hierárquico de gênero como “características próprias” do gênero masculino, bem como as concepções das crianças também nos revelaram uma associação dos homens à força física, à coragem, etc (SOUZA, 1999, p. 175).

Crianças crescem, por fim, enraizadas em uma cultura machista que, naturalizando e romantizando esses aspectos de divisão de gênero, constrói uma hierarquia marcada pelo masculino como ser superior e dominante, gerando consequências gravíssimas, que se configuram como *masculinidade tóxica*.

Ao ultrapassarem a etapa da infância, alcançam a adolescência, onde os contos de fadas dão lugar a outras histórias já não tão fictícias assim. Histórias estas que são atravessadas pela realidade, que se alimentam dela para serem escritas: os romances.

Já mergulhadas na idealização de amor perfeito herdada da infância, na adolescência, período em que os hormônios estão aflorando os desejos e vontades ligadas às questões afetivo-sexuais, abrimos espaço com facilidade para que os romances penetrem nosso cérebro, nos levando a considerar outras formas do que é chamado de amor e, mais uma vez, almejar a reprodução do que lemos ou assistimos em nossas próprias vidas.

2. Relação Suicida

- O que temos aqui...?
- Vai fazer o que, me matar, senhor Coringa?
- O quê? Não, eu não vou te matar, eu só vou te machucar e vai doer demais!
- Você acha? Pois eu aguento! (Esquadrão Suicida, 2016)

Baseado nos quadrinhos da *DC Comics*, estreou em 2016, sob direção de David Ayer, o longa metragem *Esquadrão Suicida*, que levou às telas dos cinemas a missão de um grupo formado por supervilões que começam a trabalhar para o governo em troca de redução de suas penas carcerárias. Pela primeira vez, a personagem Harley Quinn, a ensandecida Alerquina, saiu dos quadrinhos e dos desenhos animados e ganhou vida em um filme.

Harleen Quinzel, mais tarde apelidada como Harley Quinn, foi criada para a série animada para televisão *Batman: A Série Animada*, aparecendo pela primeira vez em 1992. Após uma aceitação positiva do público, seus criadores, Paul Dini e Bruce Timm, incluíram a personagem em vários outros episódios e mais tarde ela também apareceria nos quadrinhos do Universo DC e posteriormente na adaptação para cinema *Esquadrão Suicida*. Ela aparece na trama como a psiquiatra de Coringa, que manipulada e seduzida pelo mesmo, desenvolve uma empatia pelo paciente ajudando-o a fugir do Asilo de Arkham e torna-se uma seguidora do vilão seguindo suas ordens em viés do sentimento que ela acredita ser amor. (Nikolly do Santos Neto, 2017, p. 172).

Alerquina e Coringa, desde os quadrinhos, já eram o “casal dos olhos” das(os) fãs, que naturalizavam e romantizavam o relacionamento de ambos, mesmo tratando-se explicitamente de um relacionamento abusivo. Ao serem levados às telas dos cinemas, o nível de romantização do casal pelo próprio filme alcançou níveis ainda maiores do que nos quadrinhos e desenhos. Na trama, não há uma preocupação por meio da produção de buscar meios para problematizar a toxicidade da relação, como aponta Thay (2016), que “os idealizadores de *Esquadrão Suicida* perderam uma grande oportunidade de lidar com o tema do relacionamento abusivo com as cores e dores reais que algo assim trás para a vida de uma pessoa”. Pelo contrário, o filme “enfeita” o relacionamento, causando a sensação de diminuição da gravidade do mesmo e, conseqüentemente, romantização do abuso sofrido por Alerquina.

A primeira cena de abuso disfarçado de amor que o filme mostra é quando conta a história de Alerquina, ainda doutora Harleen Quinzel, psiquiatra designada para tratar do caso do Coringa. Durante as sessões de terapia, começa a ser manipulada pelo palhaço e a desenvolver uma doentia paixão por ele, o que lhe leva, inconscientemente, a ajudá-lo a fugir do manicômio onde se encontrava.

A manipulação é uma das características mais marcantes de relacionamentos abusivos. O abusador, na maioria das situações, mostra-se doce e gentil, fala o que a vítima quer ouvir e começa a conquistá-la de tal forma que, em pouco tempo, ela se vê presa a um sentimento que lhe leva, inconscientemente, a obedecer a tudo que o abusador manda, mesmo não sendo da sua vontade.

De acordo com Tania Mendonca Marques:

As finalidades do abuso psicológico, conscientes ou não, são abalar a segurança da mulher com relação ao raciocínio lógico ao qual ela se baseou durante toda sua vida. Num relacionamento abusivo, a mulher é visivelmente submetida a um condicionamento operante: mesmo não gostando, ela está condicionada a antecipar aquilo que agrada ao marido, que não o irritará. (MARQUES, 2005, p. 86-87).

Dentre os relatos que eu ouvi de mulheres que sofreram relacionamentos abusivos, em todos estava inserida a manipulação como principal ferramenta do abusador. Nos relatos, houveram frases como *“ele fazia eu fazer tudo que ele queria”*; *“eu era muito besta pra ele, nem percebia que estava sendo manipulada”*.

Na seqüência, o filme nos coloca diante de uma cena de tortura: Coringa aprisiona a doutora e, antes de lhe aplicar um choque na cabeça, diz que não vai lhe matar, só vai lhe machucar e que vai doer demais, ao que ela responde que aguenta. Nesta cena, além da explícita violência física a qual Harleen Quinzel é submetida, podemos observar também que a manipulação alcança níveis mais elevados, fazendo com que ela acredite que é capaz de passar por situações de extrema dor e sacrifício por ele, o famoso *“se sacrificar por amor”*.

Mais uma vez, tal característica do relacionamento abusivo da ficção é constantemente encontrada na realidade. Inúmeras mulheres ficam extremamente obcecadas por seu abusador e mergulham em conflitos internos resultantes de várias atitudes que lhes causam uma série de desconfortos, como pude constatar nos relatos que obtive. Bastante foi falado sobre a instável relação consigo mesmas por não estarem satisfeitas com determinadas imposições e ordens, por serem submetidas a práticas que lhes causavam agonia, mal-estar ou até mesmo dor. *“Tinha que dizer pra ele onde eu ia, com quem e se ele não gostasse, eu não ia. Tinha que ter relações com ele mesmo quando eu não queria, porque ele fazia toda uma pressão psicológica pra eu aceitar aquilo”*.

É importante ressaltar que essa prática de ser induzida a manter relações sexuais, mesmo sem vontade, é uma situação cada vez mais corriqueira dentro dos relacionamentos, onde inúmeras mulheres que passam por isso nem se quer percebem que estão sendo vítimas de violência sexual.

Assim, considera-se violência sexual, a ação que obriga uma pessoa a manter contato sexual ou a participar de relações sexuais com o uso da força, intimidação, coerção, chantagem, suborno, manipulação, ameaça ou qualquer outro mecanismo que anule ou limite a vontade pessoal. (MARQUES, 2005, p. 93).

É preciso enfatizar, principalmente para nós mulheres que somos as maiores vítimas, que qualquer prática que ultrapasse a nossa vontade dentro de uma relação sexual é violência, e que não devemos ceder nos relacionar sexualmente com alguém apenas para satisfazer o desejo da pessoa, independentemente de ser namorado ou marido. Essa prática de manipulação para que ocorra o sexo, que automaticamente gera uma relação não prazerosa e, muitas vezes, incômoda e desconfortável para a parte manipulada, é estupro!

Relações abusivas implicam também no desenvolvimento de transtornos. Em alguns casos, os abusos sofridos acabam por manter a vítima ligada a seu agressor, criando a falsa ilusão de amor. A vítima não enxerga o parceiro como agressor, apenas como uma pessoa que a ama e retribui seu amor. O longo perí-

odo de intimidação manipulação e coação pode se transformar em uma relação de simpatia e até mesmo sentimento de amizade e amor na presença do agressor. Esse comportamento é classificado como Síndrome de Estocolmo e pode ser claramente aplicado à Harley Quinn. (NETO, 2017, p. 176).

Esta síndrome se instaura de maneira tão avassaladora em Harley que a admiração e paixão desenfreada pelo Coringa fazem com que ela passe a se sentir não apenas uma cúmplice dele e mais do que uma serva, considera-se propriedade do palhaço. Isso fica nítido ao observarmos seu uniforme, que se compõe de uma coleira com o apelido “Coringa”, uma jaqueta com os dizeres “propriedade do Coringa” e uma blusa onde se lê “*monstrinha do papai*”. Há ainda uma cena do filme em que o Coringa oferece Alerquina há um homem na boate e ela, prontamente, obedece a sua ordem. Percebemos, dessa forma, que Alerquina é reduzida a um objeto submisso ao Coringa e sente prazer em ocupar este lugar, como se fosse uma honra satisfazer aos desejos do seu amado.

Atravessadas por essas crises, muitas mulheres perdem a capacidade de enxergar o quão nocivo é o relacionamento em que estão envolvidas, naturalizando as atitudes de seu abusador e acreditando que isso seja normal entre os relacionamentos. “*Foi tudo muito sorrateiro, não percebi que estava em um relacionamento abusivo até sair de um, eu achava que isso acontecia em todos os relacionamentos*”.

De acordo com Nikolly dos Santos Neto, o filme nos permite identificar que, além da Síndrome de Estocolmo, a personagem também sofre um transtorno de personalidade histriônica, cuja principal característica é a necessidade que a pessoa desenvolve de estar em evidência, ser o centro das atenções o tempo todo.

Segundo o DSM-IV, o Transtorno de Personalidade Histriônica é caracterizado por um padrão de emocionalidade exagerada e comportamentos de busca de atenção. Inicialmente, são agradáveis com seu estilo dramático e animado de ser, mas com o tempo passam a ser evitados pelos outros pelo incômodo provocado por sua exigência inadequada de atenção. Muitas vezes, essas pessoas são influenciadas por pessoas ou situações, sendo muito vulneráveis às opiniões alheias. Em geral usam da aparência física para chamar atenção. Apresentam grandes dificuldades de relacionamento, mostram-se muito dependentes, tentando controlar seus parceiros através da sedução. (NETO, 2017, p. 177).

E mais uma vez o filme brinca com uma questão muito séria: rimos das atitudes de Alerquina, lhe achamos fofa, chata, tola, insuportável, mas raramente paramos para analisar a gravidade do fato de desenvolver transtornos psicológicos devido ao relacionamento abusivo que sofre, justamente porque o filme esforçou-se o suficiente para mascarar todas essas implicações problemáticas e preferiu que ovacionássemos o casal.

Para além da ficção, na realidade, inúmeros outros transtornos são identificados em vítimas de relacionamentos abusivos que acumulam graves problemas à sua saúde física e emocional, prejudicando sua forma de relacionar-se consigo mesmas e com as pessoas à sua volta, como depressão, ansiedade, baixa autoestima, entre tantas outras doenças extremamente graves para o bem-estar humano. “*Muita aflição, agonia, ansiedade, desespero.*”; “*Meu lado mulher tava destruído, eu me olhava no espelho e tava muito destruída, não via beleza, as pessoas diziam que meu cabelo e meu sorriso são lindos e não conseguia enxergar, minha autoestima foi pra merda*”.

Segundo Marques:

Manter a mulher em estado de ansiedade é outro método usado para controle psicológico. O homem toma providências para que ela nunca tenha certeza se ele irá machucá-la, se os seus esforços irão agradá-lo, enfurecê-lo, ou se pode cumprir suas ordens adequadamente. A incerteza é uma maneira de desestabilizar a mulher psicologicamente. (MARQUES, 2005, p. 87).

Ainda nos mostrando a origem de Alerquina, chegamos à cena em que o Coringa lhe pergunta se ela morreria e viveria por ele e ela responde que sim às duas perguntas e, em seguida, pula em uma banheira de ácido, demarcando o momento em que Harleen Quinzel transforma-se em Harley Quinn. Essa é a cena mais romantizada pela trama. Depois da atitude de uma mulher visivelmente transtornada e obcecada por seu abusador, o mesmo pula também na banheira de ácido para “salvá-la” e depois a beija, o que transmite ao espectador toda carga romantizada de que o homem pode ter inúmeros defeitos e até chegar a machucar a mulher, física ou psicologicamente, mas qualquer atitude sua que a faça se sentir minimamente valorizada faz com que este seja novamente colocado em um pedestal e considerado o melhor e mais romântico homem do mundo.

Demonstrar amor não significa que a relação seja saudável. O abuso psicológico pode ter consequências invertíveis, impactando severamente no modo de agir, na autoestima e confiança. A vítima passa a ver o parceiro como o dono da verdade, acreditando apenas no que o mesmo diz. O relacionamento abusivo dificulta a capacidade de ação da vítima em relação a seus interesses próprios, devido ao intenso controle e manipulação a que a mesma é submetida. (NETO, 2017, p. 175).

São esses lapsos de demonstrações afetivas que fazem com que muitas vítimas acreditem que, no fundo, seus abusadores as amam e, portanto, que esse amor é suficiente para manter e sustentar o relacionamento, como apontaram algumas das entrevistadas: “*acabei acreditando que o amor é a base...*”, “*depois eu voltei a ir na casa dele, ele se tornava um bom namorado*”.

3. Quantos Tons Têm um Crepúsculo?

- Como entrou aqui?
- Pela janela.
- Sempre faz isso?
- Só nos últimos meses. (Crepúsculo, 2018)

- Não chega perto de mim, eu preciso de espaço!
- Por favor, não faz isso, não desiste de mim...
- Eu só preciso pensar um pouco, tá?
- Não me deixe, você significa mais pra mim do que qualquer coisa. (50 tons de cinza, 2015)

Um dos best sellers que mais fez sucesso e colocou sua escritora como uma das mais bem pagas do mundo foi o idolatrado *Crepúsculo*. Não é novidade que, desde a publicação do primeiro livro, em 2005, pela escritora Stephenie Meyer, *Crepúsculo* virou uma das maiores febres literárias entre as(os) jovens, tornando-se uma das sagas que mais marcou a infância e adolescência de

inúmeras pessoas. O romance entre a garota de Phoenix de 17 anos, Isabella Swan, e o vampiro centenário, Edward Cullen, viralizou de tal forma que conquistou avassaladoramente o coração de inúmeras(os) fãs ao redor de todo o globo. De acordo com Priscila Santiago Sousa:

[...] viria a se tornar uma saga de quatro volumes, cinco adaptações para o cinema, dois livros spin offs recorde de vendas, sucesso de bilheteria e uma legião de fãs apaixonados e fiéis aos personagens da história que conquistou corações de milhares de pessoas ao redor do mundo. Em uma trama envolvendo humanos, vampiros e lobisomens, Meyer construiu na saga *Crepúsculo* um romance misterioso e sedutor que até hoje, treze anos após a primeira publicação, faz muito sucesso. (SOUSA, 2018, p. 42)

Devido ao enorme sucesso da saga, os personagens do universo de *Crepúsculo* transcenderam os livros de Stephanie Meyer e passaram a compor histórias escritas pelas(os) próprias(os) fãs, as chamadas *fanfics*³, narrativas derivadas de outras já existentes, onde se tem liberdade para propor e criar novas realidades e contextos a partir dos originais.

Essas produções de fãs são importantes não só para garantir entretenimento gratuito, como também para que novos autores se destaquem no meio literário e se profissionalizem. Cada vez mais as fanfics têm se tornado porta de entrada para o mercado editorial, como foi o caso de *Cinquenta Tons de Cinza*, série de livros assinados por E.L. James que começou como “Master Of The Universe”, *fanfic* baseada em *Crepúsculo* e que teve seus direitos autorais comprados para editora Arrow Books, além da garantia de adaptação cinematográfica. (SOUSA, 2018, p. 09).

Dessa forma, a trilogia *50 Tons de Cinza* de E.L. James, publicada em 2011, torna-se a mais famosa entre as fanfics de *Crepúsculo*, que, eternizado no coração das(os) fãs, ainda serviu de inspiração para uma história que rendeu três livros, seis anos depois de seu lançamento.

Assim como *Crepúsculo*, *50 Tons de Cinza* também fez grande sucesso, tanto nas livrarias quanto nas bilheterias, levando os mais diferentes tipos de público ao delírio com o romance erótico entre Anastasia Steele e o empresário Christian Grey.

Duas histórias com características semelhantes que alcançaram grande idolatria, lhes fazendo sair das páginas dos livros e adentrar os telões, emocionando fãs pelo mundo todo e que, entretanto, carregam em suas narrativas sérias problemáticas, novamente camufladas de romance.

Dessa forma, por se assemelharem em diversos aspectos, desenvolverei neste momento uma análise conjunta da saga *Crepúsculo* e da trilogia *50 Tons de Cinza*, não me prendendo especificamente aos filmes ou livros, mas sim fazendo um apanhado geral do conteúdo das narrativas para destacar e refletir a respeito das maiores problemáticas no que se refere a relacionamentos abusivos, inseridas nas mesmas.

Tanto Isabella Swan, quanto Anastasia Steele são meninas virgens que, segundo as narrativas, não possuem grandes atributos femininos, não possuem muita personalidade, tem baixa autoestima e bombardeiam-se de características negativas. São o perfeito retrato das inseguranças femininas, fazendo com que inúmeras mulheres vejam, retratadas nas personagens, ao menos uma de suas

³ Abreviação de “fanfictions”, no Brasil também popularmente conhecido apenas por “fics”.

inseguranças – já que essas parecem ter todas as inseguranças existentes no universo feminino – e, diante dessa identificação, comecem a sentir-se atraídas pelas histórias.

Ambas as protagonistas conhecem os homens que vem a ser seu par romântico na saga e os dois são caracterizados por homens bonitos, ricos, desejados e que passam uma imagem de inacessíveis.

Neste momento, já podemos identificar as primeiras pistas de machismo que nos levam de volta à realidade dos contos de fadas: mulheres frágeis e inseguras que necessitam encontrar seus príncipes encantados para resolverem todos os seus problemas, destacando ainda a beleza e o dinheiro como atrativos principais que as mulheres devem procurar em homens.

Os padrões e estereótipos sociais sempre assombraram a vida das mulheres, ditando regras sobre como devem ser e estar em sociedade. O advento do movimento feminista com suas discussões sobre empoderamento feminino vem aos poucos desconstruindo esses moldes conservadores e possibilitando processos de emancipação de diversas mulheres. Entretanto, exaltar as fragilidades femininas e a plena segurança e estabilidade masculina reforça nas mulheres o sentimento de impotência, de que não são autossuficientes para terem suas próprias conquistas e serem vitoriosas sozinhas, de que, no fundo, precisam mesmo de um homem que lhes faça sentir segura e protegida, mesmo que para isso devam se submeter a situações hostis e desagradáveis.

Em pleno século XXI, este pensamento pode parecer extremamente incoerente e retrógrado, porém ainda permanece latente em muitas mulheres que, frustradas por não conseguirem atingir os padrões impostos pela mídia, entram em grandes crises consigo mesmas, chegando a desenvolver doenças graves como bulimia e depressão.

Tão enraizadas no sentimento de inferioridade, muitas mulheres passam a se desvalorizar (como as protagonistas dos filmes) e, no momento em que algum homem lhe nota e lhe atribui um pouco mais de importância, tendem a imaginar que aquilo é um privilégio sem tamanho, ainda mais se forem homens como os personagens das tramas: ricos e poderosos.

Só até aqui, no começo da história, podemos considerá-la extremamente problemática. Entretanto, o nível de toxicidade destas narrativas só tende a aumentar e tornar-se mais sério e perigoso.

Depois que começam a se envolver, ambos os “mocinhos” dizem para suas supostas amadas que elas devem ficar longe deles, porque são perigosos. Edward chega a dizer para Bella que tem um desejo incessante pelo seu sangue como nunca teve na vida, por ninguém.

Este, para mim, é o ápice da falta de cuidado com o público juvenil, que é o principal consumidor desses produtos. Os casos de mulheres desaparecidas, espancadas, estupradas e mortas são números que nunca param de crescer. Saímos de casa e não sabemos se voltaremos vivas ou nos tornaremos estatísticas. Além disso, com o advento da internet e os avanços da globalização, crianças e jovens saem da segurança de suas casas através das redes de comunicação em massa e estão cada vez mais vulneráveis e expostos aos perigos do mundo lá fora, como, por exemplo, à manipulação de psicopatas pedófilos. E, diante de tudo isso, as narrativas de Stephenie Meyer e E. L. James induzem meninas a não fugirem de homens que lhes digam que são perigosos e que querem lhes matar, e sim a acharem isso fascinante, atrativo e aceitarem manter uma relação com esses homens.

Daí entramos nos comportamentos obsessivos que norteiam as histórias como um todo. Edward e Christian afirmam seu sentimento e desejo de posse por Bella e Anastasia. Atitudes como

perseguição, invasão do quarto, aparecer sem ser convidado e, até mesmo, colocar um rastreador na pessoa são vistas como bonitas e românticas, utilizando-se do argumento de que querem apenas o bem de suas amadas e que elas precisam de sua proteção a todo momento do dia.

Mais uma vez, as narrativas ressaltam a fragilidade feminina e dão respaldo para homens exercerem sobre mulheres esse tipo de comportamento obsessivo compulsivo, fazendo com que muitas, mesmo mergulhadas nas situações e sentimentos mais desagradáveis e desconfortáveis possíveis, se sintam privilegiadas por terem alguém que, em seu entendimento, lhes ama tanto a ponto de abdicar de sua própria vida, para estar em constante proteção da vida de sua suposta amada.

Enraizadas na manipulação psicológica na qual estão submersas, as protagonistas passam a desenvolver uma enorme dependência emocional por seus abusadores, que se transforma em submissão. As histórias falam bastante sobre a relação dos casais serem como a relação de um viciado e uma droga, que sem aquilo não são capazes de viver.

Sabemos que vício e pensamentos suicidas são graves problemas cada vez mais recorrentes na sociedade e, portanto, que precisam de sérios tratamentos de saúde. Exaltar vícios e morte é uma forma de implantar nas mentes a ideia de que tudo bem você ser dependente de algo ou de alguém, tudo bem você não conseguir viver sem uma pessoa e preferir tirar sua vida por isso, que o melhor a fazer, então, é lutar a qualquer custo para manter por perto o objeto de sua dependência ao invés de se livrar dela.

A dependência é outra das características mais comuns em relacionamentos abusivos. Consequência da manipulação, leva a vítima muitas vezes a viver em um universo particular com seu abusador, ignorando o resto do mundo e das pessoas que faziam parte de seu círculo de relacionamentos, sendo levada a acreditar que precisa dele, apenas dele e de mais ninguém para viver e ser feliz.

O isolamento da mulher de todos os seus ambientes sociais também é outra técnica de abuso psicológico. Esta pode ser considerada uma sub categoria do abuso emocional, podendo ser distinguida em seu foco em interferir e destruir, ou danificar a rede de apoio social da vítima e fazê-la inteiramente, ou amplamente dependente do parceiro abusivo para obter informações, interações sociais ou satisfação de necessidades emocionais. O isolamento social aumenta o poder do agressor sobre a vítima, mas também o protege. Se a vítima não tem contato com outras pessoas o agressor terá uma probabilidade menor de ter que enfrentar consequências legais ou sociais que podem encerrar o relacionamento. (MARQUES, 2005. p. 88).

Alguns dos relatos que coletei, trouxeram à tona esse tipo de situação. *“Os primeiros sinais que foram me deixando mal e eu não evitei, foi o fato dele começar a afastar de mim, meus amigos. Ele sempre dava a entender que meus amigos estavam errados, que eles queriam meu mal, queriam me separar dele e que ninguém me amava mais do que ele. Que eu não iria encontrar alguém como ele, porque só ele era capaz de amar alguém como eu. Aí fui me afastando dos meus amigos que sempre iam me mostrando como ele não prestava e ele me fazendo pensar que quem não prestava eram eles. Ele fazia eu entrar em conflito com meus pais para poder fazer do jeito que ele queria. Meus pais já vinham tentando me mostrar que o relacionamento não prestava e eu não queria ver porque achava que tava tudo bem, mesmo me sentindo mal.”*

Percebemos no relato uma dependência baseada em uma agressiva violência psicológica, que se aproveita da baixa autoestima e sentimento de inferioridade desenvolvido pela mulher e

agravado pelas atitudes do abusador, que fazem com que a mulher acredite que aquela situação massacrante e dolorosa é o máximo que alguém como ela merece e pode encontrar na vida, portanto, deixar aquela situação seria sinônimo de estar adquirindo seu passe livre para a solidão eterna. Sobre isso, aponta Marques:

O homem, psicologicamente abusivo pode, também, tentar controlar a mulher por meio de propaganda, em relação à auto-imagem dela. Assim, dia após dia, ele utiliza palavras de baixo calão para referir-se a ela. Maximiza os erros da mulher e os cria quando não os encontra. Aos poucos a propaganda do homem é enraizada profundamente na auto-percepção da mulher. (MARQUES, 2005, p. 87).

Chegamos, assim, a um ponto onde, partindo do princípio da manipulação, Edward e Christian assumem estratégias diferentes. Apesar de todo aspecto sombrio, misterioso e perigoso, Edward, durante quase toda trama, mantém a imagem de um galante cavalheiro romântico: mostra-se quase sempre gentil, educado, compreensivo, nunca agressivo fisicamente. Este é o principal motivo que faz com que, juntamente com Bella, uma legião de fãs apaixonem-se pelo personagem e sonhem em encontrar um Edward em suas vidas.

Faço questão, entretanto, de destacar que o protagonista age dessa forma *quase* sempre, pois, em alguns momentos, como quando revela para Bella sua verdadeira identidade, deixa que venham à tona seus instintos do predador que realmente é e reproduza um comportamento assustador e agressivo.

Tratando-se de vida real, inúmeros são os casos de mulheres que estão presas a relacionamentos cujos parceiros demonstram ser uns verdadeiros príncipes encantados de contos de fadas quase que cem por cento das vezes, até mesmo por muitos anos, mas que, em determinados momentos, tem lapsos de atitudes agressivas, que variam em diferentes níveis, geralmente começando com alterações no tom da voz ou alguns toques no corpo com aplicação maior de força, como apertar o braço ou empurrar.

Porém, por tratarem-se de casos que acontecem em pequena frequência e são encobertos por todas as outras atitudes de homem romântico, apaixonado – e manipulador – muitas mulheres aceitam permanecer nesses relacionamentos submetidas a estes episódios que, na maioria dos casos, vão se tornando mais frequentes e agressivos e tornando-se um verdadeiro terrorismo na vida da vítima.

Mesmo com a exposição de todos os pontos negativos de Edward, que fazem com que pareça inaceitável a idolatria do relacionamento abusivo que tem com Bella, percebemos que a falsa imagem que constrói de romântico, apaixonado, compreensivo e respeitador, torna mais fácil a manipulação psicológica de Bella e de todas as fãs da saga. O que dizer então da idolatria do casal de *50 Tons de Cinza*?

Christian é apresentado como adepto de BDSM (Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo), que são práticas sexuais voltadas para dominação e submissão de diversas formas, incluindo coisas como imobilização, controle total da outra pessoa, sentir dor, etc. É importante ressaltar que as relações que envolvem as práticas de BDSM precisam ser consensuais e agradar a todas as pessoas envolvidas, ou seja, independente de quem seja dominadora(o), submissa(o) ou até mesmo transite entre os dois, todas(os) devem sentir prazer.

Assim como a maioria das pessoas que fazem críticas negativas sobre a trama, também deixo enfatizado aqui que em momento algum estou criticando as(os) adeptas(os) de BDSM, porém a trama faz com que a relação de dominador e submissa ultrapasse os limites do sexo e se instaure em todos os âmbitos da vida do casal.

Como já foi citado, as atitudes que demonstram a obsessão e possessividade de Christian em relação a Anastasia são inúmeras, porém, diferente de Edward, o protagonista de *50 tons de cinza* não se preocupa em mascarar suas atitudes abusadoras e se refere, explicitamente, a si mesmo como dominador e a Anastasia como sua submissa, para além do sexo.

O auge da trama é um contrato que Christian dá a Anastasia, onde, somente mediante a assinatura do mesmo, ambos poderão manter uma relação. As cláusulas do contrato são tão hediondas que se torna difícil, até mesmo, elencar as piores. Além de determinar que a *submissa* deve aceitar de bom grado e sem reclamar a quaisquer práticas sexuais que o dominador quiser e quando ele quiser, independentemente de sua vontade, o contrato também estipula que todos os outros âmbitos de sua vida também serão controlados por ele, e ela deverá, por exemplo, vestir, comer, beber, praticar exercícios, manter suas práticas de higiene de acordo com o que ele determinar e, ainda, ser obrigada a tomar anticoncepcionais, não se masturbar, tratá-lo como se fosse uma serva, entre tantas outras aberrações, mediante a castigos, caso não sejam cumpridas. Em síntese, o contrato representa uma auto declaração de propriedade.

Assim, decorre-se uma trama cheia de agressões, físicas psicológicas, sexuais, onde a protagonista é tratada com desprezo, machucada, estuprada, tem suas questões particulares ignoradas. O agressor consegue fazer a vítima acreditar que é um prazer satisfazê-lo, além de transferir a culpa de seus próprios atos para ela, fazendo-a sentir-se sempre culpada pelos erros dele.

Mais uma vez vemos a ficção entrar em choque com a realidade, nas palavras das mulheres entrevistadas. *“Ele jogava fora as coisas que eu dava pra ele, quando a gente brigava e fazia eu me sentir culpada”, “ele me traia e fazia eu me sentir culpada”, “vivía terminando comigo e eu que tinha que me humilhar pra voltar”, “eu falei que estava grávida e ele tocou o foda-se.”*

É importante destacar ainda que, na trama, o comportamento doentio de Christian é justificado por um trauma de infância que teve, perpetuando a recorrente descriminalização de agressores por serem taxados de doentes e não criminosos. Além disso, na sequência das histórias, Anastasia apresenta-se mais “empoderada”, dona de si, capaz de fazer uma reviravolta na vida do casal, evidenciando a falaciosa ideia da mulher guerreira, que pode e deve manter-se ao lado de seu amado até o fim, independentemente do nível de toxidade e abuso dentro do relacionamento, principalmente se ele tiver alguma doença, pois ela deve curá-lo.

A questão do uso de doenças e transtornos psicológicos como forma de chantagem psicológica tem estado cada vez mais frequente no cotidiano dos relacionamentos, o que demonstra que as pessoas, e principalmente as mulheres, não são ensinadas a colocarem a si mesmas, as suas questões, sua saúde física e mental, em primeiro lugar, deixando-se sempre em segundo plano e dando prioridade para a suposta saúde do outro.

E quando, em lapsos de sanidade mental, a protagonista da trama percebe o quanto o relacionamento está lhe fazendo mal e repensa sobre permanecer nele, vemos a mais famosa frase da história da romantização dos relacionamentos abusivos no cinema: *“por favor, não me deixe, você significa mais pra mim do que qualquer coisa”*. E mais uma vez segue perpetuando uma ideia problemática de que o abusador vai mudar, de que sempre vale a pena serem dadas outras chances por amor.

Nos relatos das entrevistadas, muito ouvi sobre essa crença na mudança, que às vezes até chegava a parecer que era real, mas, no fim das contas, a única coisa real foram graves traumas extremamente difíceis de serem curados e que, apesar de já estarem mais amenos, são marcas que permanecem até hoje.

Por um *The End* Mais Feliz

Ao me debruçar sobre a análise destas obras, percebi o quanto já deixei passar despercebido aos meus olhos a toxidade de tantas relações, mascaradas de romances pelas histórias de ficção, consequência de todo o contexto cultural em que somos inseridas(os) desde que nascemos, que nos levam a naturalizar situações problemáticas voltadas às questões de dominação de gênero.

É fato que HQs, assim como Contos de Fadas, são eternizadas no coração de fãs e tendemos a idolatrar as histórias de ficção que marcaram positivamente algum momento de nossas vidas, especialmente a infância. Entretanto, é necessário que tenhamos a mente aberta para olharmos com cada vez mais cautela, observarmos e propormos novas análises sobre os produtos que consumimos. Precisamos nos permitir enxergar em nossas queridas histórias de infância, aparentemente inofensivas, os constructos de uma sociedade cada vez mais machista e misógina.

Não é legal uma mulher que passa anos de sua vida com um homem que chega em casa alcoolizado, agredindo a tudo e a todas(os), por acreditar que deve manter a imagem de mulher guerreira e permanecer ao seu lado por amor, confiante de que um dia ele vai mudar e que ela será sua cura. Mulher não é remédio para curar ninguém, não é bonito nós termos que ser guerreiras. A sociedade nos impõe esse status que implica em uma carga muito desgastante e pesada que precisamos abandonar, lutando para que cada vez menos mulheres precisem assumir esse lugar que, portanto, não deve ser romantizado.

Infelizmente, enquanto muitas mulheres seguem nessa labuta constante pela sua emancipação e conscientização de outras mulheres, tais histórias de ficção caminham na contramão desse sentido, impulsionando a proliferação cada vez maior de relacionamentos abusivos, consequência da elevada idolatria e do consumo destas histórias, que implantam nas mentes o desejo de as verem reproduzidas em suas vidas.

O percurso deste trabalho nos leva a constatar que sair de um relacionamento abusivo é uma das coisas mais difíceis na vida de mulheres que estão inseridas neles e, para algumas, chega a ser impossível, pois passa por vários estágios, desde se reconhecer em uma relação tóxica, até ter coragem e condições (financeiras, psicológicas, etc.) suficientes para deixá-la, o que faz com que muitas mulheres passem a vida toda sem nunca conseguir se libertar.

Dessa forma, percebo a necessidade incisiva do trabalho de conscientização, diálogos sobre o assunto nos mais diversos setores sociais e a constante sensibilidade, principalmente por parte de nós, mulheres, de perceber as demandas internas de outras mulheres que estão a nossa volta (familiares, amigas, colegas de trabalho, etc.), observar se estão passando por algum tipo de abuso ou afins e o que podemos fazer para ajudá-las, tendo a sororidade como principal instrumento de luta pelas nossas vidas, sempre.

Faço deste artigo um disparador na minha vida, para outras pesquisas e trabalhos artístico-acadêmicos que se voltem à conscientização de outras mulheres quanto ao assunto, refletindo especialmente sobre maneiras concretas de atingir mulheres e meninas que se encontram em situações de vulnerabilidade social, sem condições de acesso a essas discussões e que todo o contexto em

que se inserem torna muito mais delicado e complexo seus processos de emancipação, mas que, entretanto, não podem ser negligenciadas, pois de nada adianta tanta produção de conhecimento se não alcançar os lugares onde mais se necessita dele.

Além disso, eu, enquanto arte-educadora, agrego tais discussões aos ambientes onde atuo, com destaque para as salas de aula, onde lido, em sua maioria, com crianças e jovens, pois acredito que o trabalho mais efetivo para essa mudança de pensamento romantizado sobre relações abusivas deva ser feito na infância, fase onde as crianças ainda estão despidas de preconceito e começando a construir suas noções sobre o que é certo ou errado.

Enquanto não pararmos de influenciar meninas a se apaixonarem por todo o contexto dos contos de fadas, estereotipando padrões de beleza – colonizadores e homogêneos – e de comportamento – dócil e frágil, perante a figura masculina – e fazendo-as acreditar que precisam de um príncipe em suas vidas para lhes proteger, cuidar e resolver todos os seus problemas, continuarão crescendo vulneráveis a um sistema de dominação opressor e reproduzindo práticas que prejudicam a elas mesmas.

Enquanto não começarmos a mostrar às adolescentes a realidade por trás das histórias romantizadas, deixando-as que acreditem que, seguindo pelos mesmos caminhos que as “mocinhas” dos filmes, vão acabar felizes para sempre com o amor da sua vida, seremos igualmente responsáveis por quando elas acabarem infelizes, espancadas, estupradas e até mesmo mortas.

As influências midiáticas possuem tamanha potência que é necessário um trabalho extremamente forte e coletivo para desmistificar o que está culturalmente enraizado. São conversas diárias com nossas crianças, jovens e também com pessoas adultas, em casa, na escola, nas ruas, em todos os locais aos quais temos acesso. É deixar claro que gritou, machucou, bateu uma vez, vai fazer de novo, generalizando sim! Porque não trabalhamos com exceções, trabalhamos com estatísticas, e pagar para ver se ele pode ser uma exceção é correr o risco de virar uma estatística. Nós não precisamos de mais estatísticas. Precisamos de mulheres cada vez mais fortes, emancipadas e lutando pelas vidas que já se foram, pelas que estão aqui hoje e pelas que ainda virão.

Por todas nós. Não romantizemos!

REFERÊNCIAS

50 TONS DE CINZA (*Fifty Shades of Grey*). Direção: San Taylor-Johnson. Produção: Michel de Luca, Dana Brunetti, E. L. James. Focus Features, Michel de Luca Productions, Tigger Street Productions. 2015, 128 min.

A BELA ADORMECIDA (*Sleeping Beauty*). Direção: Clyde Geronimi, Les Clark, Eric Larson e Wolfgang Reitherman. Produção: Walt Disney. Walt Disney Animation Studios, 1959. 75 min.

CREPÚSCULO (*Twilight*). Direção: Catherine Hardwicke. Produção: Mark Morgan, Greg Mooradian. Tempos Hill Entertainment, Maverick Filma, Imprint Entertainment, DMG Entertainment, 2008, 122 min.



ESQUADRÃO SUICIDA (Suicid Squad). Direção: David Ayer. Produção: Zack Snyder, Deborah Snyder, Colin Wilson, Geoff Johns, Steven Mnuchin. DC Entertainment, RatPac-Dune Entertainment, Atlas Entertainment, Warner Bros. Pictures. 2016, 122 min.

MARQUES, Tânia Mendonça "Violência conjugal: estudo sobre a permanência da mulher em relacionamentos abusivos [dissertação]." *Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia* (2005).

NETO, Nikolly dos Santos. Relações abusivas no cinema: uma breve análise da personagem Harley Quinn. Seja, gênero e sexualidade no audiovisual. Universidade Estadual de Goiás – UEG, campus Goiânia – Laranjeiras. 22 a 24 de novembro de 2017.

SOUSA, Érica Renata de. Questão de gênero na infância e na escola. - Campinas, São Paulo: [s, n.], 1999.

SOUSA, Priscila Santiago. 50 tons de crepúsculo: O RELACIONAMENTO ABUSIVO DO CASAL EDWARD E BELLA NAS FANFICS BRASILEIRAS

THAY. Abuso não é amor: porque a cultura pop deve parar de romantizar relacionamentos tóxicos. Violes: Grupo de Pesquisa sobre Tráfico de Pessoas, Violência e Exploração Sexual de Mulheres, Crianças e Adolescentes. Postado em 19 de dezembro de 2016 - disponível em: <http://grupovioles.blogspot.com/2016/12/artigo-abuso-nao-e-amor-porque-cultura.html> Acesso em 08/11/19.

